

COMO SE REZAVA DURANTE A QUARESMA EM REGUENGOS DE MONSARAZ (ALENTEJO). DO ROMANCEIRO RELIGIOSO AO ORACIONEIRO

LINA SANTOS MENDONÇA

(Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias-Universidade de Lisboa)

lina.santosmendonca@gmail.com

RESUMEN

En nuestro artículo, queremos presentar la recogida de un conjunto de oraciones, derivadas del romance religioso, que solían rezarse durante la Cuaresma, en el municipio de Reguengos de Monsaraz (Alentejo-Portugal). Esta recogida, realizada entre la población local, y el respectivo estudio responden a varios objetivos en literatura de tradición oral y cultura alentejana: la contribución a la ampliación del corpus del romance y de la oración alentejanos; la problematización y delimitación de los subgéneros de la literatura oral tradicional, como el romance y la oración; el análisis de temas relacionados con la Vida y Pasión de Cristo, el Día del Juicio y los Milagros de Virgen María; y el conocimiento de los usos y costumbres alentejanos. Por último, también es importante la divulgación de las composiciones recogidas en Reguengos de Monsaraz, debido a su rareza y reducida representación en publicaciones especializadas, convirtiéndose así en una garantía de su preservación.

PALABRAS CLAVE: romance, oración, tradición oral, Cuaresma, Alentejo.

ABSTRACT

In our article, we wish to present the collection of a set of prayers, derived from the religious ballad, which used to be prayed during Lent, in the municipality of Reguengos de Monsaraz (Alentejo-Portugal). This collection, carried out among the local population, and the respective study have several objectives in the literature of oral tradition and Alentejo culture: the contribution to the enlargement of the corpus of Alentejo ballads and prayers; the problematization and delimitation of subgenres of traditional oral literature, such as the ballad and the prayer; the analysis of themes related to the Life and Passion of Christ, the Day of Judgment and the Miracles of Virgin Mary; and the knowledge of Alentejo's uses and customs. Finally, the dissemination of the compositions collected in Reguengos de Monsaraz is also important, due to their rarity and reduced representation in specialty publications, thus becoming a guarantee of their preservation.

KEY WORDS: ballad, prayer, oral tradition, Lent, Alentejo.

No concelho de Reguengos de Monsaraz, situado na região do Alentejo (Portugal), ainda sobrevivem algumas orações da tradição oral, com origem no romanceiro religioso, que se rezavam, antigamente, durante a Quaresma, em substituição do canto de composições poéticas de carácter lúdico, como cantigas e modas, e do desfiar de contos ao serão, visto que esta época particular exigia mais reflexão e solenidade.

O conhecimento destas orações da Quaresma chegou até nós através de um trabalho de recolha de textos de carácter religioso que realizámos, neste concelho, junto da sua comunidade, por meio de entrevistas, no seu meio ambiente, e que apresentamos em anexo¹. Apenas em cinco das suas quinze localidades encontramos os espécimes referidos: Outeiro, Reguengos de Monsaraz, São Marcos do Campo, S. Pedro do Corval e Telheiro.

Recolhemos um total de onze versões de distintas orações narrativas cujo trabalho de transcrição textual procurou ser feito de forma fidedigna e respeitar a pronúncia local dos informantes. Mantivemos ainda os títulos das composições como foram apresentados pelos informantes, tal como os vulgarismos e erros de gramática.

Durante o processo de recolha, de classificação e sistematização das composições recolhidas, percebemos que estávamos perante um *corpus* com raízes no romanceiro religioso, que convivía com outras composições de natureza religiosa, nos repertórios dos informantes.

As versões que recolhemos enquadram-se no arquétipo de oito orações narrativas, pertencentes a ciclos temáticos distintos, segundo a classificação de Maria Aliete Galhoz, no segundo volume de *Romanceiro Popular Português*. Assim, a oração “Adoremos a Deus Padre” (n.º 1) pertence ao Ciclo “Julgamento da Alma” e corresponde ao “Dia do Juízo”; a oração “Levantei-me uma manhã cedo” (n.º 6a-6b) pertence ao Ciclo “Milagres” e corresponde à “Fonte de Nossa Senhora” e a oração “O terço de Nossa Senhora” (n.º 7) está incluída em “Orações Várias” e corresponde a “Pecador Descuidado”. Por sua vez, no Ciclo “Vida de Cristo”, temos a oração “Andorinha gloriosa” (n.º 2a / 2b / 2c) que corresponde a “Jesus Menino quer dizer missa”, “Com *Jasus* na pena pego” (n.º 3) que corresponde a “A Vida de Jesus Cristo (em amphigury)”; e a oração “Jesus Cristo foi dizer missa” (n.º 5) que corresponde a “Jesus Cristo foi dizer missa”. Por último, no ciclo da “Paixão”, inscrevemos a oração “Estando eu na minha sala” (n.º 4) correspondente a “As Novas da Crucificação Chegam a Nossa Senhora” e a oração “Vão os anjinhos *pro Céu*” (n.º 8) correspondente a “Monumento de Cristo”.

Simplificando, através do caminho da oração, no concelho de Reguengos de Monsaraz, há vestígios dos seguintes romances religiosos: “Dia do Juízo”; “Jesus Menino quer dizer missa”; “A Vida de Jesus Cristo”; “Jesus Cristo foi dizer missa” (IGR 0736.1); “As Novas da Crucificação Chegam a Nossa Senhora” (IGR 0404); “Monumento de Cristo” (IGR 0034.3); “Fonte de Nossa Senhora”; “Pecador Descuidado”.

¹ No *corpus* em anexo, apresentamos as orações numeradas e por ordem alfabética, com a identificação do respetivo informante. Quando uma oração tem mais do que uma versão recolhida, como é próprio da oralidade, as versões são identificadas, através do alfabeto, associado à numeração. Assim, reunimos todas as versões, na mesma entrada numérica, distinguidas por uma letra (por exemplo, 3a, 3b, 3c, etc.) e ordenadas alfabeticamente, tendo como referência o primeiro verso. As versões não foram transcritas com dois hemistíquios, sobretudo, porque são usadas como orações e não como romances.

A acompanhar cada versão, em nota de rodapé, há referência à correspondência com o IGR (*Índice General del Romancero*), com o *Romanceiro Popular Português*, de Maria Aliete Galhoz (1988), e com algumas obras de referência, de forma a documentar o seu carácter tradicional, no panorama da tradição portuguesa, em geral (Braga s.d.; Dias Marques, Silva, 1987; Martins, Ferré, 1988; Fontes, 1983, 1987, 1997; Custódio, Galhoz, Cardigos, 2006, 2008; Ferré, Boto, 2008), e no panorama da tradição alentejana, em particular (Roque, 1946; Delgado, 1956; Pombinho Júnior, 1958; Graça, 2000; Teiga, 2005; Ventura, 2013), sem se procurarmos fazer uma correspondência exaustiva.

Para a nossa classificação e sistematização das composições recolhidas, enquanto orações, e para a delimitação e definição do conceito de oração, foram importantes os contributos de vários investigadores, que apresentamos a seguir.

José Leite de Vasconcelos, em 1881, em “*Carmina Magica do Povo Portuguez*”, divide as formas populares de culto, em duas categorias: esconjuro e adoração. Por sua vez, subdivide a adoração em três ramificações, a prece, a ação de graças e a adoração propriamente dita, e menciona que, na adoração, a divindade dispõe de vontade própria, querendo com isto já dar ênfase à reverência que se espera do orante, em atitude de adoração (Leite de Vasconcelos, 1881, p. 512).

Posteriormente, numa obra quase centenária, *Folklore do concelho de Vinhais*, Padre Firmino Martins usa apenas o termo oração como classificação genérica. Identifica-a como uma composição constituída por atos internos e externos, de onde advém um combinado de sinais exteriores e usos sagrados chamados cerimónias e ritos cujo todo forma o culto público. Reconhece que a oração pode ser composta por “actos latrêuticos, propiciatórios ou impetratórios provenientes de uma necessidade psicológica da alma humana” (Martins 1928, p. 1). Apesar dessa classificação genérica, divide as orações em três séries: a primeira série é “constituída pelos usos e orações extintas, e pelas que ainda hoje reza um pequeno grupo”; a segunda série “é constituída pelas que rezam as “mèzinheiras” e “responsadeiras”” e, por último, a terceira série “constituída pelas que reza a maior parte do povo devoto” (Martins, 1928, p. 12). Esta divisão permite-nos observar que já se caminha em direção à separação da oração das rezas e das benzeduras.

Por sua vez, Arnaldo Saraiva (2001, pp. 15-16) contribui para o esclarecimento do conceito de oração, partindo da elucidação do ato de orar, para chegar ao conceito em si:

Orar implica sempre adorar ou afirmar superioridade transcendental, o que na prática ritual pode traduzir-se até por gestos: ajoelhar, pôr as mãos, baixar ou inclinar a cabeça ou erguer a cabeça e os olhos. E orar implica sempre a expressão ou formulação linguística, não apenas o vago pensamento, a simples gestualidade, a comunicação por imagens; na prática, a oração pode ser colectiva ou privada, como pode ser feita em voz alta (recitação, grito), ou baixa (murmuração, sussurro, cício), ou em voz silenciada, como na leitura silenciosa. A oração pressupõe a crença não só no divino como no poder da palavra humana junto do divino, de modo a propiciar a graça pedida ou desejada, que pode ser a salvação (...), o perdão (...), a paz (...), ou a protecção contra o demónio, a cura de uma doença, a realização de um negócio, a sorte nos amores.

Também a definição de oração dada por Pedrosa (2000, pp. 9-10) remete para o intuito de se desejar obter um favor ou uma graça, moralmente, positivos. Este investigador inclui, ainda, na sua definição, a atitude de submissão e de reverência do orante e vê, na oração, o reflexo de um determinado tipo de pensamento religioso, mais ou menos, ortodoxo.

Por sua vez, Moreno (1999, p. 34) sublinha a qualidade milagrosa das orações, no sentido em que se acredita que basta rezá-las, para que a saúde melhore ou adquira a força suficiente para o trabalho quotidiano.

Contudo, além das circunstâncias, a atitude do orante, ante o próprio ato de rezar, é relevante para o conhecimento das orações em si. Não é que se faça o julgamento da sua devoção, será mais o querer objetivar ou avaliar a sua intenção. Maria Aliete Galhoz (2001, p. 10) explicou a forma como o orante se posiciona, face à oração: “No comum dos orantes a oração é mais latrêutica, a confiança e a súplica, propiciatórias de relação pacificante, e auxílio, de protecção, mesmo quando presentificando na elocução essa relação.”

Estas citações revelam que a piedade popular deriva da religiosidade, enquanto sentimento e reconhecimento do sagrado e do divino, em que a oração, palavra escrita e/ou vocalizada, surge para se elevar a alma humana a Deus e para se exteriorizar o sentimento religioso. Comunica-se com o divino, para se pedir graças/favores (auxílio, proteção, salvação, perdão, etc.) ou para o adorar e louvar.

Uma atitude de adoração e de louvor bem como uma atitude petítória perpassam no conjunto de orações que nos foram recitadas pelos informantes de Reguengos de Monsaraz. Por outro lado, sobressai um desejo de celebração e exaltação de uma época religiosa, a Quaresma, a que se associam alguns rituais. Neste sentido, foi importante o contexto de oração referido pelos informantes, ou seja, explicaram que apenas rezavam estas orações, durante a Quaresma. Por exemplo, no Nordeste Alentejano, no século XX, Martins Barata recolheu 19 xácolas, assim designados os cantos romancísticos interpretados durante a Quaresma, em ambiente doméstico e de trabalho (Martins Barata, 2017, p. 174); porém, este *corpus*, diferentemente do nosso, é de cariz profano, assumindo apenas uma feição ritualística.

Os informantes relataram que havia um certo sentimento de reverência e ambiente solene, nesta quadra, de abstinência, remissão e reflexão espiritual, refletido em algumas das composições recolhidas. Em geral, antigamente, as mulheres mais velhas ensinavam às suas filhas que não deveriam cantar nos trabalhos do campo nem participar em alguns bailes organizados, durante a Quaresma, por isso as cantigas eram substituídas por orações e a alegria efusiva do canto e do baile era, assim, substituída pela piedade popular, numa comunicação mais frequente com Deus.

Um costume que também visava exteriorizar o que se pensava e sentia, nesta época, era a preferência pelo uso de roupa escura, evitando-se os tons garridos. Este costume ganhava uma força generalizada, junto da comunidade, na última semana da Quaresma, e representava, de forma simbólica, o luto pela morte de Cristo.

Outros hábitos e costumes contribuía para a manutenção desta solenidade, nos últimos dias da Quaresma. Por exemplo, na aldeia de Outeiro, na quarta-feira, as raparigas e as mulheres não se penteavam, porque diziam que tinha sido o dia que torceram as cordas para amarrar Cristo. Na quinta-feira, penteavam-se, mas atavam um lenço à cabeça, que era usado até sábado. No concelho de Reguengos de Monsaraz, de forma generalizada, até quinta-feira de manhã, as mulheres ainda faziam serviço doméstico; porém, a partir das quinze horas, já não realizavam as tarefas domésticas. Por fim, na Sexta-feira Santa, não se comia carne, hábito que ainda se conserva.

As informações prestadas pelos informantes, sobre os seus hábitos e costumes, enquadram as composições (as orações) que recitaram, durante as entrevistas, num contexto específico, e refletem a sua funcionalidade, junto da comunidade. Além disso, foram determinantes na classificação e sistematização das composições, enquanto textos líricos da literatura oral tradicional, pertencentes ao grupo das composições mágico-religiosas, de forma mais geral, e ao grupo das orações, em particular, de acordo com a classificação de João David Pinto Correia (1993, pp. 65-66).

São versões de circulação muito restrita, ou seja, já não se encontram facilmente em circulação, pela especificidade e pontualidade do contexto de enunciação, uma festividade cíclica, a Quaresma (ou seja, não são rezadas no dia-a-dia do orante), pela extensão das composições (algumas bastante longas) e até, possivelmente, pelo carácter narrativo. Todos estes fatores poderão ter dificultado a sua conservação ao longo dos tempos.

Em 1958, Pombinho Júnior (1958, p. 5) referia-se à raridade dos romances no concelho de Portel (que curiosamente é um concelho vizinho de Reguengos de Monsaraz), onde eram denominados de “orações”, e apontava como causa principal dessa raridade a sua grande

extensão, “por serem composições poéticas extensas, difíceis por isso de conservar sem falhas na memória das pessoas idosas (...)”. Contudo, para William González (1994, p. 19), “o fenómeno do romance religioso é uma das manifestações com maior vitalidade”.

A classificação destas orações nem sempre é clara, devido às fronteiras mal definidas e/ou contaminação com o (ou derivação do) romanceiro religioso. Sobre este assunto, Pere Ferré (1999, p. 482) afirmou:

a reactualização do Romanceiro religioso transformou-o, através de uma complexa miscigenação, na actualidade, num outro género, de um ponto de vista funcional – a oração. Mas esta metamorfose não apagou as marcas da sua primitiva composição —versos romancísticos— que assim o mantêm, do ponto de vista filológico, dentro do quadro do Romanceiro, independentemente da presença de fórmulas oracionais que também, do ponto de vista filológico, deverão ter tratamento próprio.

Por exemplo, o elevado teor narrativo-dramático dos Romances da Paixão de Cristo, rezados tradicionalmente na Semana Santa, afasta o texto da natureza lírica da oração.

Para contornar esta dificuldade de classificação com segurança, consultámos e apoiámos a nossa seleção e classificação na obra *Romanceiro Popular Português*, de Maria Aliete Galhoz, nomeadamente, no segundo volume, que dedica uma parte aos romances religiosos e orações narrativas e em catálogos da especialidade (de Diego Catalán, *Catálogo General del Romancero Pan-Hispánico*, e de Manuel da Costa Fontes, *O Romanceiro Português e Brasileiro: Índice temático e bibliográfico*).

Outro elemento que norteou a nossa classificação foi o contexto de uso das composições, em questão, referido pelos informantes: tratava-se de um conjunto de composições proferidas em momento de oração, isto é, eram tidas como orações pelos informantes. A polivalência da poesia oral é uma característica apontada por Fraile Gil (2001, pp. 41-55) como um argumento válido, nesta situação específica, porque um mesmo texto pode ser usado em contextos distintos e com finalidades variáveis, como é o caso do romanceiro religioso usado enquanto oração. De algum modo, foi assim que o romanceiro religioso evoluiu para oração. Diego Catalán (1997, p. 290) esclarece uma causa provável que surge nesta conjuntura: “La función rememorativa, meditativa, ritualizada de los romances de tema sacro acaba por convertirlos en oraciones y en deshacerlos en rosarios de jaculatorias”. Por sua vez, Sandra Boto (2010, p. 241) sublinha também a perda de funcionalidade do romance religioso:

(...) passa a confundir-se com a oração, submergindo não raro a sua componente narrativa em prol da meditativa. Por outras palavras, esta mesma perda de funcionalidade conduz sem dificuldade à fusão dos géneros tradicionais, já de si abertos, através da mescla do fio narrativo próprio do romance com a oração e ainda com outras composições de carácter lírico-narrativo.

As palavras de Maria Aliete Galhoz (1988, p. XXIII) são bem claras, quanto às dificuldades que referimos sobre a classificação e apontam já algumas características dos romances religiosos e das orações narrativas:

Quanto às ‘orações narrativas’ é difícil destriçá-las, estudando-as uma por uma, por um lado, de alguns romances religiosos, de que se aproximam por um certo substrato similar formulativo, e por outro, das orações não narrativas, a que são afins e de que se distinguem por apresentarem um fio de narração – contam qualquer coisa (...).

Com efeito, na introdução ao segundo volume de *Romanceiro Popular Português*, a investigadora procura dar orientações para a destrição entre oração e romance e, nesse sentido, afirma que a agregação de fórmulas tradicionais de fecho de oração à composição lhe confere o “estatuto de oração” (Galhoz, 1988, p. xxvi). Na recolha que apresentamos nos anexos, as versões “Adoremos a Deus Padre” (n.º 1, intitulada de “Quarentena” pela informante, versão de “Dia do Juízo”), “Estando eu na minha sala” (n.º 4, versão de “As Novas da Crucificação Chegam a Nossa Senhora”, IGR 0404), “Jesus Cristo foi dizer missa” (n.º 5, IGR 0736.1) servem de exemplo a esta afirmação, devido à presença de uma fórmula de fecho de oração, que indica a circunstância temporal (rezada e escutada na Quaresma) e a prática (rezada e escutada durante “quarenta dias” ou “três vezes”):

Vós, que esta oração sabeis,
Peço que a rezeis.
Vós, que a não sabeis,
Peço que a escuteis.
Quem esta oração escutar,
Quarenta dias na Quaresma,
Ganhará quarenta perdões.
Mais ganhará quem a reza,
Que tirará quatro almas
Das penas do Purgatório,
A primeira será a sua,
A segunda de sua mãe,
A terceira de *sê* pai,
A quarta a mais necessitada
Que na *parenteira* tiver. (vv. 89-103) (n.º 1)

Quem *na* souber que a diga,
Quem *na* ouvir que a aprenda,
Lá no Dia do Juízo
Terá quem se defenda. (vv. 20-23) (n.º 4)

Quem esta oração disser
Três vezes ao deitar,
Por muitos pecados que tenha,
Todos se hão-de salvar.
Quem a souber que a diga,
Quem a ouvir que a aprenda,
Lá no Dia do Juízo
Terá com que se defenda. (vv. 10-17) (n.º 5)

A primeira destas fórmulas de fecho refere particularmente o tempo penitencial da Quaresma e, em conjunto com as outras duas, a salvação das almas. Por seu turno, a composição “A Fonte de Nossa Senhora” (n.º 6b) apresenta uma fórmula de fecho, refletindo a piedade popular: “Padre-Nosso. Ave-Maria.” (v. 13) (n.º 6b).

Por outro lado, nas versões que recolhemos ainda subsistem marcas do romanceiro religioso, que trata, com frequência, a nível temático, os passos da vida de Cristo (Nascimento, Infância, Paixão e Morte) e da Virgem Maria. Algumas constituem aproveitamentos a *lo divino* de temas profanos do romanceiro (quer históricos quer novelescos) (Pinto Correia, 2003, p. 37), ou seja, são versões *contrafactas* elaboradas durante o século XVI e XVII de romances tradicionais profanos vertidos ao divino, segundo defende Diego Catalán (1997, pp. 265-290) e William González (1994, pp. 22-23 y 28), para quem o romanceiro religioso espanhol também foi influenciado tematicamente pela *lauda* italiana e, no início, teve como principal propósito comover e ensinar os fiéis, mas, na sua evolução, foi

abarcando todos os aspetos da vida religiosa do povo. Por sua vez, Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman (1981, p. 454) argumentam o seguinte acerca da razão justificativa da prática do *contrafactum*: “(...) la adaptación a lo divino apartaba a los que la cantaban de preocupaciones seculares sobre todo amatorias para dirigir su atención a asuntos puros y espirituales.” A intriga segue de forma próxima o Novo Testamento (e/ou a tradição apócrifa), a partir da estrutura de um romance velho, pré-existente, de tema profano (Ferré, 1998, p. 91).

Por exemplo, reunimos no *corpus*, em anexo, os seguintes espécimes contrafactos: “Jesus Cristo quer dizer missa” / “Jesus Cristo vai dizer missa” (IGR: 0736.1) é uma versão contrafacta de “Na Missa Está o Imperador”² e “Monumento de Cristo” / “O Sangue de Cristo” (IGR 0034.3) é uma versão contrafacta de “O Enterro de Fernandarias” (IGR 0034). Nestas composições, fazem-se notar fórmulas e motivos tradicionais do romance profano (por exemplo, “Viene un monumento armado” e “Venía un corpo finado”³), todavia, ao longo do processo de tradicionalização, o discurso e a intriga tornaram-se independentes (Catalán, 1997, p. 288).

Porém, as orações narrativas são menos ricas a nível formulístico do que os romances, mais próximas dos romances pelo fio condutor narrativo (Galhoz, 1988, p. XIV) e pela sobrevivência de alguns diálogos (parte da estrutura dramática).

No que respeita à composição “A Vida de Jesus Cristo” (a oração “Com ‘Jasus’ na pena peço” (n.º 3), intitulada de “Versos da Paixão do Senhor” pela informante), é conhecida desde o século XVI, como se pode comprovar, nas palavras de Maria Aliete Galhoz (2008, p. 400): “(...) os textos seguiam os passos das Escrituras, do Novo Testamento e incluíam episódios que vêm dos relatos da tradição apócrifa. Inseriam-se em representações religiosas, particularmente em “autos” do ciclo do Natal e onde esta oração (assim é referida) se cantava”. Segundo a autora, nos séculos XIX e XX, já figurava nas recolhas da tradição oral, em Portugal e Espanha (Galhoz, 2008, p. 400).

Em geral, as versões que conhecemos de “A Vida de Cristo” (“Versos da Paixão do Senhor”, n.º 3) são muito extensas. A versão que recolhemos tem 182 versos curtos, onde encontramos sequências temáticas como: pedido de inspiração divina, no 1º verso, “Com *Jasus* na pena peço”; apresentação da História da vida de Jesus Cristo (etapas da sua vida); nascimento (e respetiva pobreza); louvor ao nascimento de Jesus; batismo de Jesus; milagre da multiplicação do pão e do peixe; lava-pés; traição de Jesus; Paixão de Cristo; diálogo de Herodes e Pilatos; caminho de Cristo até ao Calvário; crucificação; morte de Cristo; sepultura; ressurreição; ascensão de Cristo aos Céus.

Estamos de acordo com Maria Aliete Galhoz (2008, p. 31), quando diz:

A tentativa e moroso trabalho de destrinçar e tentar identificar os elementos que se adstringem a muitos romances religiosos, (...) são de resultado frágil e a fábula romancística, o que valida o classificar-se “romance” e qual o seu tema, reduz-se a um número reduzido de versos —mas por ele classificamos o texto e consideramos versão de tal ou tal romance e tema.

Esta situação verifica-se no *corpus*, em anexo, particularmente, nas versões referentes a “Dia do Juízo” e “Pecador Descuidado” (próximas pelo desenvolvimento e tratamento temático em torno da alma, do Juízo Final e do pecado). Distintamente das versões

² Por exemplo, podemos observar esta correspondência feita por Manuel da Costa Fontes (1997, p. 623) em *O Romancero Português e Brasileiro: Índice temático e bibliográfico*.

³ Versos de “Enterro de Fernandarias” (Depping, 1825, p. 208-209). Os versos supracitados correspondem aos versos 6-7 de “Monumento de Cristo”: “Vai um armamento armado, / Vai Jesus crucificado” (n.º 8).

publicadas, a versão de “Dia do Juízo” (“Quarentena”, n.º 1), em anexo, apresenta as seguintes sequências temáticas: fórmula inicial de oração, com um apelo; invocação a Jesus Cristo; traição de Jesus; Paixão de Cristo; diálogo com a intervenção de: Cristo / Alma / Nossa Senhora / Cristo (abdicação das coisas terrenas); fórmula de fecho.

Também a versão que recolhemos de “Pecador Descuidado” (“O Terço de Nossa Senhora”, n.º 7), em anexo, tem algumas sequências temáticas sem par nas versões publicadas: traição; morte sem confissão e falta de arrependimento; invocação à Virgem Maria; condenação do Pecador. Contudo, a sua feição predominantemente moralista e o desenvolvimento do tema do pecado e do arrependimento aproximam “O Terço de Nossa Senhora” (“Pecador Descuidado”) das versões já publicadas.

Em “Dia do Juízo” (“Quarentena”, n.º 1), a fórmula de fecho da versão por nós recolhida é quase idêntica à de uma versão de Cicouro (concelho de Miranda do Douro) publicada por Maria Aliete Galhoz (1988, pp. 871-872). Mas podemos colocar a possibilidade de migração da mesma ou até de contaminação, visto que, na oração “Adorai a Deus Padre” (versão do concelho de Alijó), também publicada no *Romanceiro Popular Português*, o início e o fecho são semelhantes à versão que recolhemos do “Dia do Juízo”. Citamos os primeiros versos:

Adora! Adora a Deus Padre!
Céu e terra fizestes,
Corpo e alma me destes
E vosso sagrado sangue
Em que corpo me meteste! (Galhoz, 1988, pp. 905-906)

Porém, o desenvolvimento do assunto é diferente, com sequências temáticas distintas, embora haja a presença de unidades temáticas comuns à nossa versão: “alma” e “paraíso”.

Atrás dissemos que a composição “A Vida de Cristo” já era conhecida desde o século XVI, constando nas recolhas desde o século XIX. Identicamente, por exemplo, em 1900, temos notícia de que a oração “Andorinha gloriosa” (n.º 2a-2b), versão de “Jesus Menino quer Dizer Missa” (IGR 0736.01), era do conhecimento de José Leite de Vasconcelos como uma composição da tradição oral alentejana, pois numa carta de 9 de outubro de 1900, solicitava ao investigador e recoletor alentejano Tomás Pires o envio de algumas “perlengas” entre as quais a “Andorinha Gloriosa”⁴. Nas notas a este pedido específico, (1944, p. 215) esclarece-se:

A perlenga da ‘Andorinha Gloriosa’ faz parte da ‘Oração do Peregrino’. Leite Vasconcelos conhecia uma versão alentejana de 97 versos de redondilha maior. Começa assim:
Andorinha gloriosa,
Tão perfeita como a rosa;
Quando Deus aqui nasceu
Todo o mundo escarleceu
Etc...

De facto, encontramos-la registada em algumas recolhas alentejanas, ao longo do século XX: por exemplo, nas recolhas de Joaquim Roque (*Rezas e Benzeduras Populares: Etnografia Alentejana*), de Manuel Joaquim Delgado (*A Etnografia e o Folclore no Baixo Alentejo*), de Natália Graça (*Formas do Sagrado e do Profano na Tradição Popular. Literatura de transmissão oral em Margem (Concelho de Gavião)*) e de André Ventura (*Literatura Tradicional da serra de São Mamede (Castelo*

⁴ A composição “Andorinha Gloriosa” era conhecida dos principais recolectores portugueses, no século XIX. Almeida Garrett (1983, pp. 241-242) publica a versão “santa glória”, no *Romanceiro*.

de *Vide, Marrão e Portalegre*). Joaquim Roque (1946, p. 62) denomina a composição de *Oração das Cinco Chagas* e apresenta uma versão semelhante à versão n.º 2b⁵ que recolhemos, com poucas variantes, das quais destacamos os dois versos finais que não se encontram na versão de São Marcos do Campo: *P'ra ficar d'arreliques / Ó Márt'e S. Sebastião!*... Também Manuel Joaquim Delgado (1956, pp. 85-86) a intitula de forma quase idêntica, *Oração às Cinco Chagas*, e apresenta duas versões distintas, das quais uma segue alguns dos principais motivos temáticos presentes na versão que recolhemos: a pergunta acerca da Virgem Maria, a referência à oração do peregrino, os apelos dirigidos a Madalena.

Com efeito, quanto à distribuição geográfica das versões publicadas portuguesas dos romances religiosos que estão na base do *corpus*, em anexo, verificamos o seguinte:

- “Dia do Juízo”: distrito de Bragança, de Castelo Branco, de Évora (Portel), Ilha das Flores, Ilha de S. Jorge;
- “Jesus Menino quer dizer missa” (IGR 0736.1): distrito de Bragança, de Viseu, da Guarda, de Castelo Branco, de Santarém, de Lisboa, de Faro, de Portalegre, Baixo Alentejo, Sudoeste Alentejano, ilha da Madeira;
- “A Vida de Jesus Cristo (em amphigury)”: distrito de Portalegre, de Évora (Granja de Mourão), de Faro;
- “As Novas da Crucificação Chegam a Nossa Senhora” (IGR 0404: distrito de Beja, de Faro, de Bragança, de Viseu;
- “Jesus Cristo foi dizer missa” (IGR 0736.1): distrito de Viseu, da Guarda, de Lisboa, de Portalegre;
- “Fonte de Nossa Senhora”: distrito de Faro, Baixo Alentejo;
- “Pecador Descuidado”: distrito de Viana do Castelo, de Bragança, da Guarda, de Viseu, de Lisboa;
- “Monumento de Cristo” (IGR 0034.3): distrito da Guarda, de Portalegre, de Beja, ilha da Madeira.

Com exceção de “Pecador Descuidado”, há representação das várias romances /orações-narrativas no Alentejo, ainda que seja pouco acentuada. A composição com maior representação é “As Novas da Crucificação Chegam a Nossa Senhora” (IGR 0404).

Em suma, o corpus de orações-narrativas da Quaresma que terá derivado do romanceiro religioso, formado a partir da recolha realizada no concelho de Reguengos de Monsaraz, trata, principalmente, de temas relacionados com a “Vida e a Paixão de Cristo”, a par de temas relacionados com o “Dia do Juízo”, o “Pecador Descuidado” e os “Milagres de Nossa Senhora”. Tais temas refletem a atitude devocional, reflexiva e até penitencial do orante, durante a Quaresma, não deixando de transparecer também a sua expressão de adoração, louvor e súplica ao divino. É, em conjunto com outras orações recolhidas e do repertório dos informantes, identicamente, um reflexo dos costumes e tradições da comunidade reguenguense, em particular, e da comunidade alentejana, em geral, que se têm vindo a perder ao longo do tempo, e sublinha a procura da preponderância do elemento religioso, através do “gesto verbal” de orar, sobre o elemento lúdico/profano, numa atitude de contemplação e com vista à regeneração da alma, com a libertação do que a torna impura, numa época solene do calendário religioso. Além disso, em tempos, favorecia o enriquecimento e o fervor da devoção familiar, visto que era no seio da família que a sua transmissão se fazia preferencialmente (González, 1994, p. 28). Assim, o corpus exposto é

⁵ A oração “Andorinha Gloriosa” consta do Manuscrito de Lazarraga, um manuscrito basco do século XVI, descoberto em 2004. Para Jesús Antonio Cid (2013, pp. 22-23), a oração transcrita no manuscrito tem um cunho popular e será o primeiro testemunho da sua existência. Quanto às versões portuguesas e às versões n.º 2a, 2b e 2c do *corpus* em anexo, apresentam alguns dos motivos temáticos que surgem na oração do manuscrito de Lazarraga: a anunciação, a saudação e o “perro”, por exemplo.

um testemunho de orações que tiveram vigência na tradição oral alentejana até aos nossos dias cuja sobrevivência dos temas se deve, sobretudo, devido ao seu carácter de oração.

A recolha e a divulgação do conjunto de orações tradicionais da Quaresma do concelho de Reguengos de Monsaraz são de grande importância, devido à reduzida representação das composições no repertório oracional dos entrevistados, no que respeita a orações provenientes do romanceiro religioso, e na literatura especializada. Assim, o conhecimento deste corpus concorre para o alargamento do oracioneiro alentejano e, ainda, para o estudo e delimitação dos subgéneros da literatura oral tradicional, no que respeita às orações e aos romances religiosos. Finalmente, consideramos que as ações de recolha e divulgação contribuem para a preservação e conservação das orações da tradição oral, ao longo do tempo, isto é, são um garante da sua memória.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- Armistead, S. G. e Silverman, J. H. (1981). El antiguo romancero sefardí: citas de romances en himnarios hebreos (siglos XVI-XIX). *Nueva Revista de Filología Hispánica*, 30 (2), 453-512.
- Boto, S. (2010). Os primeiros romances religiosos portugueses desde a Tradição Oral Moderna: uma coleção desconhecida. En Prado Conde, S. (dir./coord.), *Actas da Conferência Internacional da Tradición Oral. Oralidade e Património Cultural, Ourense, 11, 12 e 13 de Novembro de 2010*, vol. 2 (239-246). Concello de Ourense.
- Braga, T. (s. d.). *Romanceiro Geral Português*, vol. 2. Vega.
- Catalán, D., Cid, J. A., Mariscal, B., Salazar, F., Valenciano, A. e Robertson, S. (1982). *Catálogo General del Romancero Pan-Hispánico*, 2 vols. Seminario Menéndez Pidal - Gredos.
- Catalán, D. (1997). *Arte poética del romancero oral. Parte 1ª. Los textos abiertos de creación colectiva*. Fundación Ramón Menéndez Pidal - Siglo xxi de España Editores, S. A.
- Costa Fontes, M. da (1997). *O Romanceiro Português e Brasileiro: Índice temático e bibliográfico*, 2 vols. The Hispanic Seminary of Medieval Studies.
- Costa Fontes, M. da (1987). *Romanceiro da Província de Trás-os-Montes*, vol. 1. Por Ordem da Universidade.
- Costa Fontes, M. da (1983). *Romanceiro da Ilha de S. Jorge*. Por Ordem da Universidade.
- Cid, J. A. (2013). Lo popular en el Cancionero de Lazarraga. *Litterae Vasconicae*, 13, 11-52.
- Custódio, I. F., Farinho Galhoz, M^a A. e Cardigos, I. (2006). *Romances. Património Oral do Concelho de Loulé*, vol. 2. Edição da Câmara Municipal de Loulé.
- Custódio, I. F., Farinho Galhoz, M^a A. e Cardigos, I. (2008). *Orações. Património Oral do Concelho de Loulé*, vol. 3. Edição da Câmara Municipal de Loulé.
- Delgado, M. J. (1956). A Etnografia e o Folclore no Baixo Alentejo. *Revista Ocidente*.
- Depping, G. B. (1825). *Collección de mas celebre Romances antiguos españoles, Historicos e Caballerescos*, vol 1. V. Salvá.
- Dias Marques, J. J. e Reis da Silva, M^a A. (1987). Para o Romanceiro Português (Conclusão). *Separata da Revista Lusitana. Nova Série*, 8, 105-176.
- González, W. H. (1994). *Romancero Religioso de Tradición Oral*. Eypasa.
- Ferré, P. (1998). “O Rei e a Virgem Romeira”: Uma Balada Europeia *Ao Divino?*. *Cultura, Centro de História da Cultura*, 10, 91-98.

- Ferré, P., O Romancero da Tradição Oral Moderna e as Orações, Relendo “El Romancero Espiritual en la Tradición Oral” de Diego Catalán. Em AA.VV., *Actas do Colóquio Internacional Piedade Popular. Sociabilidades – Representações. Espiritualidades, Centro de História da Cultura / História das Ideias, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, 20/23 de novembro de 1998* (473-485). Terramar.
- Ferré, P. e Boto, S. (2008). *Novo Romancero do Arquipélago da Madeira*. Funchal 500 anos.
- Galhoz, M^a A. (1988). *Romancero Popular Português*, vol. 2. Centro de Estudos Geográficos - Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Galhoz, M^a A. (2001). Introdução. En Pombinho Júnior, J. A., *Orações Populares de Portel* (7-27). Edições Colibri - Câmara Municipal de Portel.
- Garrett, A. (1983). *Romancero*. Editorial Estampa.
- Graça, N. (2000). *Formas do Sagrado e do Profano na Tradição Popular. Literatura de transmissão oral em Margem (Concelho de Gavião)*. Edições Colibri.
- Fraile Gil, J. M. (2001). *Conjuros y Plegarias de tradicion oral*. Compañia Literaria.
- Leite De Vasconcelos, J. (1988). Carmina Magica do Povo Portuguez. *Era Nova: Revista do Movimento Contemporâneo*, 11, 512-528.
- Leite De Vasconcelos, J. (1944). *Cartas de José Leite Vasconcelos a António Tomás Pires*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Martins, A. M^a e Ferré, P. (1988). *Romancero Tradicional do Distrito de Beja. Novos Inquéritos*. Universidade Complutense de Madrid - Seminário Menéndez Pidal - Real Sociedade Arqueológica Lusitana - Instituto Português de Artes e Ofícios.
- Martins Barata, J. P. (2017). *Nordeste Alentejano. Etnografia. Literatura. Oralidades. Arqueologia. História*. Edições Colibri - Associação Vamos À Vila.
- Martins, Pe. F. (1928). *Folklore do Concelho de Vinhais*. Por Ordem da Universidade.
- Moreno, A. C. (2001). *Oraciones, Ensalmos y Conjuros Mágicos del Archivo Inquisitorial de la Nueva España*. El Colegio de Mexico.
- Pedrosa, J. M. (2000). *Entre la magia y la religión. Oraciones, conjuros, ensalmos*. Sendoa.
- Pinto Correia, J. D. (2003). *Romancero da Tradição Oral Portuguesa*. Edições Duarte Reis.
- Pinto Correia, J. D. (1993). Os Géneros da Literatura Oral Tradicional: Contributo para a sua Classificação. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, julho, 63-69.
- Pombinho Júnior, J. A. (2001). *Orações Populares de Portel*. Edições Colibri - Câmara Municipal de Portel.
- Pombinho Júnior, J. A. (1958). Rimances, Contos e Lendas Populares de Portel. *Separata do Alto Alentejo*. Évora.
- Roque, J. (1946). *Rezas e Benzeduras Populares (Etnografia Alentejana)*. Editorial Minerva.
- Saraiva, A. (2001). Prefácio. En Guerra Junqueiro, *Orações de Ligares* (9-17). Campo das Letras.
- Teiga, C. (2005). *Romancero e Oracioneiro da Tradição Oral do Sudoeste Alentejano*. Gráfica Santiago.
- Ventura, R. (2013). *Literatura Tradicional da serra de São Mamede (Castelo de Vide, Marrão e Portalegre)*. I. *Romances Religiosos*. Apenas Livros.

ANEXOS

1. *Informante: Delmira C., 93 anos, comerciante, 3º ano de escolaridade, natural de Montoito, residente em Reguengos de Monsaraz. Recolha realizada em Reguengos de Monsaraz, a 6 de dezembro de 2011*⁶.

Quarentena

Adoremos a Deus Padre,
 Que céu e terra *fizestes*,
 Corpo e alma nos deste,
 Por vosso precioso sangue.
 5 Subiste à bela cruz,
Pra salvar os pecadores.
 Eles estavam dormindo,
 Também *tavam* folgando.
 Vós *destes* tais cuidados,
 10 Dentro dos seus corações,
 Que eles foram lembrados
 Da sua morte paixão.
 Jesus Cristo todo-poderoso,
 Filho da Virgem Maria,
 15 *Fostes* destinado em boa hora,
Fostes destinado em bom dia,
 Na terra baldia, na cidade *lazaria*,
 No céu e na terra,
 Está toda a vossa valia.
 20 Já levam Jesus Cristo,
 Vendido por trinta dinheiros,
 Já *le* agarram *pla* mão,
 Levam de rastos *plo* chão.
 Vamos a ver os varões,
 25 Que sentença *le* mandam dar.
 Sua sagrada certa parte,
 Seus santos escravos *merinhos*,
Le mandaram coroar.
 Uma cruel lancetada
 30 Lhe mandaram dar,
 Que *ó* coração foi chegar,
 Até que Jesus Cristo disse:
 —Com toda a piedade,
 Derrame-se o meu sangue,
 35 Por cima da Cristandade,
 Dele se faça o pão,
 Dele se faça o vinho,
 Deus nos deixa encontrar,
 Com todos aqueles e aquelas
 40 Que no Paraíso estão.
 Olharemos para cima,
Viremos as portas do céu abertas,

⁶ Cf. Ciclo Julgamento da Alma - “Dia do Juízo” (Cf. Galhoz, 1988, pp. 870-876). Também publicada em: Pombinho Júnior (1958, pp. 25-30) e Fontes (1983, pp. 262-263).

Tão claras, tão floridas,
Com tão bons lugares.
45 Deus nos deixará lá entrar,
Olharemos *pra* baixo,
Viremos as portas do Inferno,
Co elas estão denegridas.
Uma alma que estava nelas,
50 Chorando por culpas e penas,
Chorando estava coitada,
Chorando *mosquita* dizendo:
—Oh que *é* nunca nascera,
Oh que *é* nunca fora nada,
55 Oh que *é* nunca aqui se vira.
Lavaredas de fogo
Deitava *pla* boca,
Pareciam casas que ardiam.
Aí vem Nossa Senhora
60 Com o seu bendito Filho *requerindo*:
—Tirem-me daqui esta alma,
Que já se aqui está perdendo.
Deixe-me em madre estar,
Que mesmo assim o tem merecido.
65 Deixei o sol para o dia,
Deixei a lua para a *noute*,
Deixei estrelas no céu,
Com grande *resplandores*.
Deixei vacas
70 Que não cabiam nessas coitadas,
Deixei ovelhas
Que não cabiam nessas defesas,
O *lête* de sábado à *noute* guardado,
Pra no domingo *pla* manhã.
75 A merecer que o Senhor fizesse,
Não é feita à terça parte.
O Paraíso fez-se *pra* alma,
Com regra da verdade.
Também disse *mê* madre:
80 —Pensava que algumas mulheres casadas,
Que eram as mais bem casadas,
Elas são as mais mal casadas,
Deitam-se *co* seus maridos,
Trazem outros averiguados,
85 Trazem a alma condenada,
E a morte no outro mundo.
Ó mal mandada, vem comigo
Até o Dia do Juízo.
Vós, que esta oração sabeis,
90 Peço que a rezeis.
Vós, que a não sabeis,
Peço que a escuteis.
Quem esta oração escutar,

95 Quarenta dias na Quaresma,
 Ganhará quarenta perdões.
 Mais ganhará quem a reza,
 Que tirará quatro almas
 Das penas do Purgatório,
 A primeira será a sua,
 100 A segunda de sua mãe,
 A terceira de *sê* pai,
 A quarta a mais necessitada
 Que na *parenteira* tiver.

2a. *Informante: Joana R. G., 80 anos, 4º ano de escolaridade, reformada, natural de Outeiro, residente em Outeiro. Recolha realizada em Outeiro, a 12 de setembro de 2011*⁷.

Oração da Andorinha

Andorinha gloriosa,
 Mais bonita que uma rosa,
 Quando Deus aqui nasceu,
 Todo o mundo esclareceu,
 5 Vêm em berros os judeus,
 Pra matar o nosso Deus,
 Já mataram ou não mataram,
 Já os galos cantam,
 Já os anjos se levantam,
 10 Já o Senhor subiu à cruz,
 Para que a minha alma se não perca,
 Pra sempre. Amém. Jesus.

2b. *Informante: Generosa R. P., 84 anos, 3º ano de escolaridade, reformada, natural de São Marcos do Campo, residente em São Marcos do Campo. Recolha realizada em São Marcos do Campo, a 7 de novembro de 2011*⁸.

Andorinha Gloriosa,
 Tão bonita como uma rosa,
 Quando nasceu,
 Todo o mundo *parceir*.
 5 —Pastorinho do bom dia,
 Não visto por aqui passar
 A Virgem Mãe Maria?
 —Ela por aqui passou,
 Com o seu lindinho na mão.
 10 Fazendo a sua oração,
 Oração de *plíngri*no,

⁷ Cf. Ciclo Vida de Cristo - “Jesus Menino quer dizer missa” (Galhoz, 1988, pp. 681-688). Também publicado em: Custódio, Galhoz e Cardigos (2006, pp. 181-184) e Ventura (2013, pp. 42-43).

⁸ Cf. Ciclo Vida de Cristo - “Jesus Menino quer dizer missa”; Orações Várias - “Angelina Gloriosa” (Galhoz 1988, pp. 681-688, 923). Também publicado em: Braga (s.d., pp. 382-383), Graça (2000, pp. 152-153), Roque (1946, p. 62), Delgado (1956, pp. 85-86), Teiga (2005, p. 271) e Ventura (2013, pp. 42-43).

Quando Deus era menino,
Pôs os pés no seu altar
E as mãos no seu lugar.
15 —*Tate, tate*, Madalena,
Não te *tejas* a limpar,
Lá detrás daquele outeiro,
Está um perro cão.
Se ele disser que não,
20 Puxa pelo teu cutelo
E arretalha-lhe o coração.
Ó cutelo tão estimado,
As *arrelíquias* de Pedrão,
Onde foste baptizado,
25 Nas pias de São João.

2c. *Informante: Deolinda V. I. C., 61 anos, doméstica, 6º ano de escolaridade, natural de Outeiro, residente em Outeiro. Recolha realizada em Outeiro, a 21 de novembro de 2011*⁹.

Andorinha gloriosa,
Tão bonita como uma rosa,
Plo mundo andou,
À sombra dum loureiro se deitou,
5 Ali dormiu e sonhou
Que a cruz de Cristo era perdida
E ela a achou.
[...]

3. *Informante: Delmira C., 93 anos, comerciante, 3º ano de escolaridade, natural de Montoito, residente em Reguengos de Monsaraz. Recolha realizada em Reguengos de Monsaraz, a 6 de dezembro de 2011*¹⁰.

Versos da Paixão do Senhor

Com *Jasus* na pena pego,
Para com ela escrever
Uma obra capaz de se ver
Aqui e em toda a parte.
5 Eu sigo a minha arte
Como um fraco ator
Mas peço ao Senhor juízo
Todo o quanto me é preciso, mas porém
Nasceu Cristo em Belém,
10 Numa pobre alpendurada,
Viu-se a Virgem magoada, sozinha,
Chorando porque não tinha,
Sua mãe ali *ô pé*,

⁹ Cf. Ciclo Vida de Cristo - “Jesus Menino quer dizer missa” (Galhoz, 1988, pp. 681-688).

¹⁰ Cf. Ciclo Vida de Cristo - “A Vida de Jesus Cristo (em amphigury)” (Galhoz, 1988, pp. 697-705). Também publicado em: Teiga (2005, pp. 197-202), Custódio, Galhoz e Cardigos (2008, pp. 187-189) e Ventura (2013, pp. 18-34).

Sozinha mais *Sã* José se viu,
 15 Logo ali *le* acudiu
 Um preto e uma cigana
 E Jesus, neto de Ana, visitar
 Deu o sol em rebaixar,
Pra casa deu *esplandores*;
 20 Vieram os três pastores a trazer
 A Jesus Cristo oferecer
 Suas fazendas e bens,
 Vieram os Santos Reis adorá-lo,
 À primeira cantiga do galo,
 25 Todo o povo acudiu.
 Ali é que o mundo viu
 O seu Deus *anaversal*,
 Céu e terra e mar
 Tudo ali *enjoelbou*;
 30 E a Virgem sempre ficou pura,
 Tem a salvação segura
 Só com este nascimento,
 Augusto sacramento
 Aqui é que principia;
 35 É o filho de Maria,
 Que hoje no mundo é nascido,
 Pois ele foi concebido
 Por obra e graça
 Do Divino Espírito Santo.
 40 O poder de Deus é tanto
 Que é Senhor do mundo inteiro,
 Deus e homem verdadeiro se aclama,
 É a fé que se derrama
Pr'as partes da *platine*,
 45 É a fonte da doutrina cristã,
 É aquela manhã,
 Que *ô* mundo dá claridade,
 É o sol da divindade que apareceu,
 E a *ná* choveu no deserto de *Sina*,
 50 É a hóstia divina consagrada,
 É de Jacob escada,
 Por o onde o anjo desceu,
 Foi o mundo que ergueu o pecado
 Onde foi baptizado entre o rio Jordão
 55 Por seu primo João, Jesus de Nazaré,
 Salvação, graça e fé
 É do que o mundo está cheio,
 É o que serve de recreio,
Pr'as almas puras.
 60 Para cumprir as Escrituras,
 Se obrigou a padecer.
 Pois iremos agora a ver
 Os tormentos que passou,
 A gente que sustentou

65 Com cinco pães e dois peixes.
Pois é *pra* que *nã* te queixes
Que não soube repartir,
Comeram cinco mil,
Ainda sobrou comida.

70 Só o autor da vida
É que fabrica estes banquetes,
Deram-se doze ramalhetes
Ao lava-pés.
Os mandamentos são dez cruzeiros.

75 *Juda* por trinta dinheiros
Vendeu o seu redentor,
Por ser falso e traidor,
Usou-*le* traição,
Deu o seu divino mestre à prisão,

80 Deu-lhe um ódio de paz,
Onde foi reconduzido,
Entre algozes metido e preso,
Era um ódio tão aceso,
Que *tarrincavam* os dentes,

85 Nem amigos nem parentes consentiu.
Inda o povo *nã* viu outro
Como aquele padecer,
Era o sangue a correr, suando,
E o maldito povo gritando:

90 “Crucifica, Crucifica!”
O ódio é que fabrica a maldade,
O Senhor por sua bondade sofria,
Só por ter a regalia
De deixar o mundo em paz,

95 Em casa de *Caim faz*,
Onde o Pedro se negou,
Disse o Senhor:
—Eu sou filho do Padre Eterno,
Eu venho livrar do inferno as almas.

100 Ó ministro, bate as palmas,
Dá um grito violento,
Faz das pedras sustento, se podes.
Senão, vai-te pra Rei Herodes,
Que te *deiam* o bode cru,

105 Lá *virás* o bom Jesus.
Di Herodes a Pilatos.
Este lendo *lusates*
Não achava criminoso
Na sinagoga, raivoso, diz:

110 —Que morra.
Esse morrer não nos convém,
Que lá dentro além há delitos,
Eram tantos os gritos que entoou .
Pilatos *atenciou* Cristo:

115 —Ó mundo, que não tens visto

O teu manso cordeiro
 Carregando com um madeiro da cruz.
 Já o sol perdeu a luz
 Lá na rua da amargura,
 120 E apareceu a Virgem Pura chorando,
 Por quem vinha procurando,
 Por seu querido esposo,
 Num caso tão lastimoso o via,
 Feito em *arterenia*,
 125 Como o outro não podia haver.
 E o Senhor sem poder
 Caiu com a cruz no chão.
 —Por Deus te peço, quem me registou
 Que me ajudes aqui, Simão,
 130 Simão, de boa vontade,
 Levou com Cristo a cruz ao monte.
 Foram-se lavar à Fonte da Graça,
 —Por Deus, te peço que faças
 Como o filho do Rosário.
 135 Chegou Cristo ao Calvário cansado,
 Logo ali foi crucificado,
 À força da violência.
 Deixou Deus com paciência
 Que o cravassem de pés e mãos,
 140 Para ver se estes passos vão,
 Destes lassos pensamentos
 Causassem muitos tormentos,
 E os espinhos da cabeça
 É para que o mundo conheça
 145 O mar em *qu'en* navego.
 Até ali se achou um cego,
 Logo lhe deram uma lança,
 Quem é cego não alcança,
 Com a sua vista o inferiu,
 150 Daquele peito saiu
 O sangue da divindade.
 Deixou Deus à Cristandade,
 Para salvar o género humano,
 Para maior desengano,
 155 Deixou chagas abertas.
 Vieram as três Perpétuas, por vezes,
 Com martelos e turqueses,
 Jesus Cristo pregar,
 Foram-no a *sepultar*
 160 À *síputura* nova.
 Foi *santicicado* à cova.
 Só o Divino *se ençarrou*.
 Só a mãe de Deus chorou.
 Por ter dó e compaixão.
 165 Chorou o seu Evangelista João,
 Por não ver o seu Messias.

Vieram as três Marias,
Uma noite rigorosa e escura,
Buscar Cristo à *sipultura*.
170 Respondeu-lhe um Serafim:
—Cristo não está aí.
Cristo ressuscitou glorioso,
Subiu *ô* céu piadoso,
Trunfando na paixão,
175 Subiu ao céu de Abraão,
Onde lhe batiam as palmas.
Foi livrar as almas
Que estavam esperando
Pela vinda do seu redentor.
180 Subiu ao céu o Senhor
Em *companha* do Pai e do Filho
E do Divino Espírito Santo.

4. Informante: Generosa R. P., 84 anos, 3º ano de escolaridade, reformada, natural de São Marcos do Campo, residente em São Marcos do Campo. Recolha realizada em São Marcos do Campo, a 7 de novembro de 2011¹¹.

Estando eu na minha sala,
Fazendo a minha oração,
Passou Santa Madalena
Mais o Senhor São João.
5 Eu à janela me assomei,
Mas nunca os conheci.
Foram de rua em rua,
Até à rua da amargura.
Vosso filho, má doçura,
10 Este homem é Jesus.
É Jesus que leva a cruz.
Ó passar da terra [...]
Cáiu Jesus por terra.
Disseram-lhe os fariseus
15 —Levanta-te daí, Galileu,
Se não *daremos-te*
Fel e vinagre a provar.
Seis sextas-feiras na Quaresma
[...] carnal.
20 Quem na souber que a diga,
E quem *na* ouvir que *aprenda*,
Lá no Dia do Juízo,
Terá quem se defenda.

¹¹ IGR 0404. Cf. Ciclo da Paixão - “As Novas da Crucificação Chegam a Nossa Senhora” (Galhoz 1988, pp. 628-641). Também publicado em: Braga (s.d., pp. 425-430), Martins e Ferré (1988. Pp. 121-124), Custódio, Galhoz e Cardigos (2006, pp. 193-194), Ferré e Boto (2008, p. 578).

5. *Informante: Joana R. G., 80 anos, reformada, 4º ano de escolaridade, natural de Outeiro, residente em Outeiro. Recolhida em Outeiro, a 12 de setembro de 2011*¹².

Jesus Cristo foi dizer missa
À sua santa humanidade,
Com o cálice bento na mão
E a hóstia para consagrar,
5 Seus filhos lhe pediram pão.
—O que querem, filhos meus?
Que eu não tenho que lhe dar,
Hoje vou-me confessar
E amanhã a comungar.
10 Quem esta oração disser
Três vezes ao deitar,
Por muitos pecados que tenha,
Todos se hão-de salvar.
Quem a souber que a diga,
15 Quem a ouvir que a aprenda,
Lá no Dia do Juízo
Terá com que se defenda.

6a. *Informante: Mariana G. C., 80 anos, reformada, 3º ano de escolaridade, natural de Telheiro, residente em Telheiro. Recolha realizada em Telheiro, a 13 de setembro de 2011*¹³.

Levantei-me uma manhã cedo,
Cedo ao cantar do galo,
Encontrei Nossa Senhora
Com um passo tão ansiado,
5 Numa banda levava a lua,
Na outra o sol pintado.
O menino pediu água,
Onde água não havia,
Logo uma fonte se abriu
10 De manjerona cercada.
—Ó que água tão preciosa,
Água com tanta alegria,
Onde bebeu o menino,
Filho da Virgem Maria.

¹² IGR 0736.1. Cf. Ciclo Vida de Cristo - “Jesus Cristo foi dizer missa” (Galhoz 1988, pp. 688-692). Também publicado em: Fontes (1987, pp. 722-724), Custódio, Galhoz e Cardigos (2006, pp. 185-186) e Ventura (2013, pp. 17-18).

¹³ Cf. Ciclo Milagres - “Fonte de Nossa Senhora” (Galhoz, 1988, pp. 771-772). Também publicado em: Roque (1946, p. 74), Dias Marques e Silva (1987, pp. 126-127) e Teiga (2005, pp. 232-233).

6b. Informante: Generosa R. P., 84 anos, 3º ano de escolaridade, reformada, natural de São Marcos do Campo, residente em São Marcos do Campo. Recolha realizada em São Marcos do Campo, a 7 de novembro de 2011¹⁴.

Levantei-me um dia cedo,
Um dia cedo, cantar do galo,
Encontrei Nossa Senhora,
Com um passo *tã* ansiado
5 Numa mão levava a cruz,
Noutra o Senhor crucificado,
E no peito levava uma cruz crucificado.
Quando o menino pediu água,
Onde água não havia,
10 Formou-se uma fonte d'água,
Água tanta alegria,
Bebeu o filho da Virgem Maria,
Padre-Nosso. Ave-Maria.

7. Informante: Delmira C., 93 anos, comerciante, 3º ano de escolaridade, natural de Montoito, residente em Reguengos de Monsaraz. Recolha realizada em Reguengos de Monsaraz, a 6 de dezembro de 2011¹⁵.

O Terço de Nossa Senhora
O terço de Nossa Senhora
Pela rua se *raza*.
Muita gente fica em casa
Por ser murmuradora.
5 Sempre há gente traidora,
Que a sua vida é murmurar,
Murmura *memo* rezando,
Até a que a morte vem chegando
E morre sem se confessar.
10 Morre sem se confessar,
Isto é regra sabida.
E apartai-nos desta vida,
É coisa que tem que ser.
Não me *sube* arrepender
15 Aos pés do meu confessor.
Saiba todo o pecador
Que morreu Deus por nosso bem.
É a paixão do Senhor
Esta semana que vem,
20 Esta semana que vem
É a paixão do Senhor.

¹⁴ Cf. Ciclo Milagres - "Fonte de Nossa Senhora" (Galhoz, 1988, pp. 771-772). Também publicado em: Roque (1946, p. 74), Dias Marques e Silva (1987, pp. 126-127) e Teiga (2005, pp. 232-233).

¹⁵ Cf. Orações Várias - "Pecador Descuidado" (Galhoz, 1988, pp. 914-918).

Todos nós temos pena e dor,
 Em chegando aquele dia,
 Pois a mim bem me parecia,
 25 No meu fraco entendimento,
 Que o maior sentimento
Qu'era o da Virgem Maria.
 Ó Virgem Maria,
 Mãe do *berbo* divino,
 30 Meus olhos inclino,
 Por estar na vossa companhia.
 Os anjos me sirvam de guia,
 Esses que morrem por *viso*,
 Que *é* também deles preciso,
 35 Quando *tiver* para morrer
 E o Senhor te há-de dizer:
 —Lá te mandei um aviso.
 —Meu Senhor, *descandeliza*,
 Cá ando nesta vida cansado,
 40 Em conta sendo dada
 Ao Filho do Padre Eterno.
 —Pois agora vás *pro* Inferno,
 Cá no céu não tens entrada.
 Cá no céu não tens entrada,
 45 Então tu não o sabias,
 Eu dei-te vida folgada,
 Para ver se te arrendias.
 Tu nunca te arrendeste,
 Nem pouco, nem *munto*, nem nada,
 50 Nem nunca de mim lembrado,
 Pecando todos os dias.
 Pois, tu, agora, querias
 Estares à tua vontade.
 Digo-te uma verdade,
 55 Vai penar criatura,
 Que a tua alma *nã* tem cura,
Pra toda a eternidade.
 Amém.

8. *Informante: Mariana Rosa C. R., 71 anos, reformada, 1º ano de escolaridade, natural de Santo António do Baldio, residente em S. Pedro do Corval. Recolha realizada em S. Pedro do Corval, a 3 de novembro de 2011*¹⁶.

Vão os anjinhos *pro* Céu,
 Vão todos em procissão,
 S. José leva a cruz
 E S. João o pendão.
 5 Lá debaixo desse pendão,

¹⁶ IGR 0034.3. Cf. Ciclo da Paixão - “Monumento de Cristo” (Galhoz, 1988, pp. 656-658). Também publicado em: Martins e Ferré (1988, p. 124), Fontes (1997, p. 271), Ferré e Boto (2008, p. 580) e Ventura (2013, pp. 15-16).

Vai um armamento armado,
Vai Jesus crucificado,
Aberto por pés e mãos.
O sangue do seu corpo corria,
10 Corria *p'lo* caixão sagrado.
Todo o homem que o beber
Será bem-aventurado.
Neste mundo será rei,
No outro será coroado.
15 Quem *na* souber que a diga,
Quem *na* ouvir que *prenda*.
Pois no Dia do Juízo
Terá sua alma com que se defenda.